
*P*RIMEIRA

*P*ALESTRA

O CALVINISMO COMO SISTEMA DE VIDA

Introdução

Um viajante do velho continente europeu, desembarcando no litoral deste Novo Mundo, sente-se como o salmista que diz, “Seus pensamentos amontoam-se sobre ele como uma multidão.” Comparado com o turbilhão de águas de seu novo rio de vida, o velho rio, no qual ele estava em movimento, parece quase congelado e sem graça. Aqui, em terras americanas, pela primeira vez [o viajante] compreende como tantas potências divinas, que estavam escondidas no seio da humanidade desde a nossa própria criação, mas que nosso velho mundo foi incapaz de desenvolver, estão agora começando a revelar seu esplendor interior, prometendo assim um depósito de surpresas ainda mais rico para o futuro.

Mas vocês não me pediriam para esquecer a superioridade que, em muitos aspectos, o Velho Mundo pode ainda reivindicar, aos seus olhos tanto quanto aos meus. A velha Europa continua portadora de um passado histórico muito longo e, portanto, coloca-se diante de nós como uma árvore enraizada muito profundamente, escondendo entre suas folhas alguns dos mais maduros frutos da vida. Vocês ainda estão em sua Primavera – nós estamos passando por nosso Outono; – e a colheita do Outono não tem um encantamento próprio?

Mas, embora, por outro lado, eu reconheça plenamente a vantagem que vocês possuem no fato de (para usar outra símile) o trem da vida viajar com vocês tão mais rápido do que conosco, – deixando-nos milhas e milhas atrás, – contudo ambos sentimos que a vida na velha Europa não é algo separado da vida aqui; ela é uma e a mesma corrente da existência humana que flui através de ambos os continentes.

Em virtude de nossa origem comum, *vocês* podem chamar-nos ossos de seus ossos – *nós* sentimos que vocês são carne de nossa carne. E ainda que estejam nos superando de modo mais desalentador, vocês nunca esquecerão que o berço histórico de sua maravilhosa juventude continua em nossa velha Europa e foi embalado gentilmente em minha outrora poderosa terra natal.

Além disso, ao lado desta ascendência comum, há outro fator que, mesmo diante de uma diferença mais ampla, continuaria a unir seus interesses aos nossos. Muito mais precioso para nós que o desenvolvimento da vida humana, é a coroa que a enobrece, e esta nobre coroa da vida para vocês e para mim repousa no nome *cristão*. Esta coroa é nossa herança comum. Não foi da Grécia ou de Roma que saiu a regeneração da vida humana; – esta metamorfose poderosa remonta a Belém e ao Gólgota; e se a Reforma, em um sentido ainda mais especial, reivindica o amor de nossos corações é porque ela tem dispersado as nuvens do sacerdotalismo e tem novamente revelado a mais plena visão das glórias da cruz. Mas, em oposição mortal a este elemento cristão, contra o próprio nome cristão e contra sua influência salutar em cada esfera da vida, a tempestade do Modernismo tem agora surgido com intensidade violenta.

Em 1789 o ponto crucial foi alcançado. O grito furioso de Voltaire, “Abaixo com o salafrário”, foi apontado para o próprio Cristo, mas este grito era simplesmente a expressão do pensamento mais oculto do qual nasceu a Revolução Francesa. O protesto fanático de um outro filósofo, “Não precisamos mais de Deus”, e o lema odioso, “Nenhum Deus, nenhum senhor”, da Convenção; – foram os lemas sacrílegos que naquele tempo anunciaram a libertação do homem como emancipação de toda autoridade divina. E, se em sua sabedoria impenetrável, Deus empregou a Revolução Francesa como um meio para destruir a tirania dos Bourbons e trazer um julgamento sobre os príncipes que abusavam de *suas* nações como seus escabelos, entretanto, o princípio do qual a Revolução surgiu continua completamente *anticristão*, e desde então tem se espalhado como câncer, dissolvendo e corroendo tudo quanto está firme e consistente diante de nossa fé cristã.

Não há dúvida, então, de que o Cristianismo está exposto a grandes e sérios perigos. Dois *sistemas de vida*³ estão em combate mortal. O Modernismo está comprometido em construir um mundo próprio a partir de elementos do homem natural, e a construir o próprio homem a partir de elementos da natureza; enquanto que, por outro lado, todos aqueles que reverentemente humilham-se diante de Cristo e o adoram como o Filho do Deus vivo, e o próprio Deus, estão resolvidos a salvar a “herança cristã”. Esta é a luta na Europa, esta é a luta na América, e esta também é a luta por princípios em que meu próprio país está engajado, e na qual eu mesmo tenho gasto todas as minhas energias por quase quarenta anos.

Nesta luta apologética não temos avançado um único passo. Os apologistas invariavelmente começam abandonando a defesa assaltada, a fim de entrincheirarem-se covardemente em um revelim atrás deles.⁴

Desde o início, portanto, tenho sempre dito a mim mesmo, – “Se o combate deve ser travado com honra e com esperança de vitória, então, *princípio* deve ser ordenado contra *princípio*. A seguir, deve ser sentido que no Modernismo, a imensa energia de um abrangente sistema de vida nos ataca; depois também, deve ser entendido que temos de assumir nossa posição em um sistema de vida de poder, igualmente abrangente e extenso. E este poderoso sistema de vida não deve ser inventado nem formulado por nós mesmos, mas deve ser tomado e aplicado como se apresenta na História. Quando assim fiz, encontrei e confessei, e ainda sustento, que esta manifestação do princípio cristão nos é dada no *Calvinismo*. No Calvinismo meu coração tem encontrado descanso. Do Calvinismo tenho tirado firme e resolutamente a inspiração para assumir minha posição no auge deste grande conflito de princípios. E, portanto, quando fui convidado, muito honradamente por sua Faculdade, para dar as *Palestras Stone*, aqui este ano, não poderia hesitar

³ Como o Dr. James Orr (em sua valiosa palestra sobre o *Conceito Cristão de Deus e do Mundo*, Edinburgo, 1897, p. 3) observa, o termo técnico alemão *Weltanschauung* não tem equivalente preciso em inglês. Por isso, ele usou a tradução literal *conceito do mundo* (cosmovisão); no entanto, esta frase em inglês é limitada pelas associações, as quais a relacionam predominantemente com a natureza física. Por esta razão, a frase mais explícita: *concepção de vida e do mundo* parece ser preferível. Meus amigos americanos, contudo, falaram-me que a frase curta: *sistema de vida*, do outro lado do oceano, é frequentemente usada no mesmo sentido. Assim palestrando diante de um público americano, eu usei a frase mais curta, ao menos no *título* de minha primeira palestra, a expressão mais curta sempre tem alguma preferência para o que deve ser a identificação geral de nosso assunto. Em minhas palestras, pelo contrário, eu uso alternadamente ambas as frases, *sistema de vida* e *concepção de vida e mundo* de acordo com o significado especial predominante em minha argumentação. Veja também notas do Dr. Orr na página 365 do seu livro.

⁴ NT – Revelim quer dizer uma construção externa e saliente, de forma angular, para defesa de pontes, nas fortificações.

um momento quanto a minha escolha do assunto. O Calvinismo como a única, decisiva, lícita e consistente defesa das nações protestantes contra o usurpador e esmagador Modernismo, – isto por si só foi o limite para meu tema.

Permitam-me, portanto, em seis palestras, falar-lhes sobre o Calvinismo.

1. Sobre o Calvinismo como sistema de vida;
2. Sobre o Calvinismo e a religião;
3. Sobre o Calvinismo e a política;
4. Sobre o Calvinismo e a ciência;
5. Sobre o Calvinismo e a arte; e
6. Sobre o Calvinismo e o futuro.

A. O Calvinismo como *sistema de vida*

1. Definição de conceitos

A clareza de apresentação requer que, nesta primeira palestra, eu estabeleça a *concepção* do Calvinismo *historicamente*. Para evitar equívocos, devemos primeiro saber o que não deveríamos e o que deveríamos entender por *Calvinismo*. Partindo, portanto, do uso corrente do termo, vejo que este de modo algum é o mesmo em diferentes países e em diferentes esferas de vida.

Calvinismo - Um nome sectário

O nome calvinista é usado em nossos dias primeiro como um nome *sectário*. Este não é o caso nos países protestantes, mas nos católicos, especialmente na Hungria e na França. Na Hungria, as Igrejas Reformadas têm cerca de dois milhões e meio de membros, e tanto na imprensa romanista como na judaica daquele país, os membros da Igreja Reformada são constantemente estigmatizados pelo nome não oficial de “calvinistas”, um nome pejorativo aplicado até mesmo àqueles que se despojaram de todos os traços de simpatia com a fé de seus pais.

O mesmo fenômeno se manifesta na França, especialmente na região Sul, onde “calvinista” [*calviniste*] é igualmente, e até mais enfaticamente, um estigma sectário, que não se refere à fé ou confissão da pessoa estigmatizada, mas simplesmente é colocado sobre todos os membros das Igrejas Reformadas, mesmo que ele tenha ideias ateístas. George Thiébaud, conhecido por sua propaganda antissemita tem, ao mesmo tempo, revivido na França um